



parto (di) versos

CLUBE
DAS
ESCRITORAS







parto (di) versos

CLUBE
DAS
ESCRITORAS





apresentação, 6

I, 11

II, 15

III, 21

IV, 25

V, 29

VI, 33

VII, 37

VIII, 41

IX, 45

X, 49

XI, 53

XII, 57

XIII, 61

XIV, 65

XV, 69

XVI, 73

XVII, 76

XVIII, 81

XIX, 85

XX, 89





XXI, 93

XXII, 97

XXIII, 101

XXIV, 104

XXV, 109

XXVI, 113

XXVII, 117

XXVIII, 123

XXIX, 127

XXX, 133

XXXI, 136

XXXII, 141

XXXIII, 145

XXXIV, 149

Tranças de Haikai, 152

Faixa Bônus, 160

Posfácio, 164

Sobre as autoras, 167

**Sobre o Clube das Escritoras
de Rondônia, 180**

sumário





apresentação

Solimária Lima



Em 2020, em meio à pandemia de Covid 19, que ocasionou uma quarentena que se estendeu durante o ano todo e chegou, vigorosamente, a 2021, o distanciamento social e a forçosa *expertise* com uso do *google meet* fizeram com que algumas mulheres se reunissem virtualmente para projetar a presente obra, que traz um pouco de cada universo feminino no formato (di) Versos.

Todas — escritoras, poetas, artistas ou pesquisadoras — resolveram colocar em prática uma ideia que foi a de pensar, a partir do feminino, o ser mulher em seus mais variados aspectos e expressar suas vivências, através dos textos e ilustrações, no citado contexto de isolamento.

Escrever sobre e ilustrar a condição do feminino, do ser mulher, mãe, namorada, amante e todas as possibilidades que essa vivência nos condiciona e proporciona ao longo de nossa jornada fez com que pudéssemos refletir sobre a necessidade de compartilhar com outras mulheres e outras pessoas nesse momento ímpar que estamos vivendo.

Temas como o feminino, o amor, a cumplicidade, o parto, a maternidade, a força, as sensações, a libido, a alegria, a solidão, a violência contra a mulher, o assédio sofrido, foram abordados por meio de diversos poemas que, escritos por todas nós, são agora juntados e ilustrados neste livro.

(7)





Essa experiência de nos encontrarmos de forma virtual, com reuniões e decisões tomadas por meio de aparatos tecnológicos, foi inovadora para todas nós.

Escrever e desenhar podem ser experiências salvadoras, catárticas e enriquecedoras... Assim, apresentamos a vocês os textos a seguir, que surgiram a partir desses aprendizados.

Essas meninas, mulheres, têm muitas coisas em comum, mas destacamos aqui que o incentivo para criação desta obra foi a participação no Grupo de Pesquisa em Educação e Tecnologia (GET) do Instituto Federal de Rondônia, do qual todas participam como pesquisadoras, mais especificamente do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Literatura.

Esperamos que os poemas e ilustrações aqui expostos, partos artísticos, frutos de nossas experiências sob a pele e os estigmas de Mulher, consigam tocar e inspirar vocês, de alguma forma, assim como fizeram com cada uma de nós.











parto (di) versos

Partos pujantes diversos
(di)versos que fazem sonhar
São versos, reversos, inversos
É a vida querendo falar!
É o parto — do adeus, da partida
É o parto de quem quer chegar
É o parto de sangue, da vida!
Desta vida que queremos compartilhar
De uma mulher para mulher — um presente!
Um afago em cada coração
É um renascer de esperança
Para cada mulher que está ou já esteve no chão
Parto (di) versos... De coração para coração!

Elaine Márcia (12)











ENTRELACE POÉTICO

sentidos / lunares

Eu vi um brilho em um olhar

Numa noite de lua círculo de prata

Vi um cacho de cabelo balançar

A quase dança dos fios em rodopio

Vi um sorriso radiante

sob a iluminação da mãe da noite

E umas mãos que afagam

Protetora mão

A cada instante

onipresente

Eu vi um coração pronto para amar

naturalmente um chakra coronário incorrigível

E ouvidos atentos para escutar

Ouvindo o tum tum de corações animados ou pesados

Elaine Márcia / jjana leite (16)





Eu vi um colo aconchegante

Conforto de gentes

Eu vi sonhos

Resiliência

Ouvi cantos e poesias

Coral de Ninfas

Eu vi risos

e graça bendita

Encantos e fantasias

mitologia

Eu vi força

Atena

Vi pureza

Suavidade ainda que gladiadora

E vi encantos

há brilho em teu canto

Eu vi desejos

tocha dionísica

Sensualidade

acionada

(17)





E vi prazer

terra de mel

Prazer pela vida

festa e gozo

De estar viva

nos lares de meu corpo flama uma chama

de viver

Esta fogueira que desperta o Eu mulher

E pra ver tudo isto

Descobrimento de preciosidades esquecidas

Eu só precisei me olhar

Refletir as deusas que existem em mim

E parar por um instante

A despertar meus sentidos todos

E me escutar

Escutar o silêncio da noite

a solidão poética da Lua

E fechar os meus olhos

E sentir a vibração luna estelar

Elaine Márcia / jjana leite (18)





cheia em mim

E sentir...
Ah! Como é mágico sentir o luar!

Me sentir...
Olhar a noite e reconhecer a si

Eu me vi!
E como as ninfas cultuam a lua

Eu me amei!
Me entreguei

Me esculpi
Estou aqui!

A lua e suas fases acontecendo
em mim

Por mim e para mim... E quem sabe para você?
Você... que é cíclica

Você que ao crescer
ilumina o Planeta

Se transforma em Fulgor
Enfeitado de Estrelas

A se doar a quem merecer.

(19)









Ecos
ecoam
aqui.

Escuto vozes
infinitas vozes.

Elas me falam:
estamos unidas
assim deveremos permanecer.

E continuam a ressoar
essas vozes de muitas mulheres
passado, presente e futuro.

Juntas.

Rosália Silva (22)









IV





resiliência é meu nome

Um alerta de perigo
Faz o meu peito sangrar
Deixou-me com rosto abatido
E fez os meus olhos chorarem
Um alerta de perigo
Um grito de solidão
Um aperto no peito partido
Um sentir-se na contramão
Na contramão da vida
E até mesmo da razão
Quando sinto que estou indo
E o resto do mundo, não
E olho prum lado e pro outro
E percebo que estou só
E a solidão machuca
E faz o peito dar um nó
Um alerta de perigo
É hora de o rosto secar
Tomar as rédeas da vida
E então parar de chorar
Este alerta de perigo

Elaine Márcia (26)





Está aqui pra dizer
Que a depressão está rondando
Tá querendo me prender
Mas estou sempre alerta
Ela não vai me pegar!
Sou rosa
Sou guerreira
Sou fênix
É hora de recomeçar!

(27)









Arco-íris do terceiro olhar

Ouçõ a insônia do medo
sussurrar
abro os olhos
sentimentos anseios
isso sacode passados
é de matar
meu medo eu mirei-o
através da tela de um celular
subiu um pó púrpura déjà vu
vago lume
intracelular
se meus olhos estão abertos ou fechados
já não importa
Ele me toca sem me tocar
enxergo-o mesmo no ensaio da cegueira
pelo arco-íris do terceiro olhar.

jjana leite (30)









VIT





no silêncio do meu peito, primavera

Já passei por muitas fases nesta vida
Alegrias, contentamentos, tristeza e solidão
Já caiu chuva de lágrimas dos meus olhos
E relampejaram horrores em meu coração!
Já olhei para trás e vi com amargura
Meus pedaços, feito folhas secas,
Espalhados pelo chão...
Era outono em minha vida — não floria
Já senti também o frio,
No inverno — triste inverno da solidão
Mas como tudo nesta vida é aprendizado
Em cada fase que eu vivi — também cresci
Aproveito as estações de minha vida
Os amores, as vitórias e as canções
As lágrimas, os suspiros e as tormentas
Passo o tempo — em silêncio
Com a maturidade também vem a quimera
Estou em paz, estou feliz! Penso comigo
No silêncio do meu peito, primavera!
Colho flores que plantei em outros tempos
Colorido! Ouço pássaros a cantar!

Elaine Márcia (34)





Vou vivendo as estações da minha vida
Caminhando até meu jardim plantar
Esperando, calmamente, cada fase
Primavera! Sei que ela chegará!



(35)







VIII





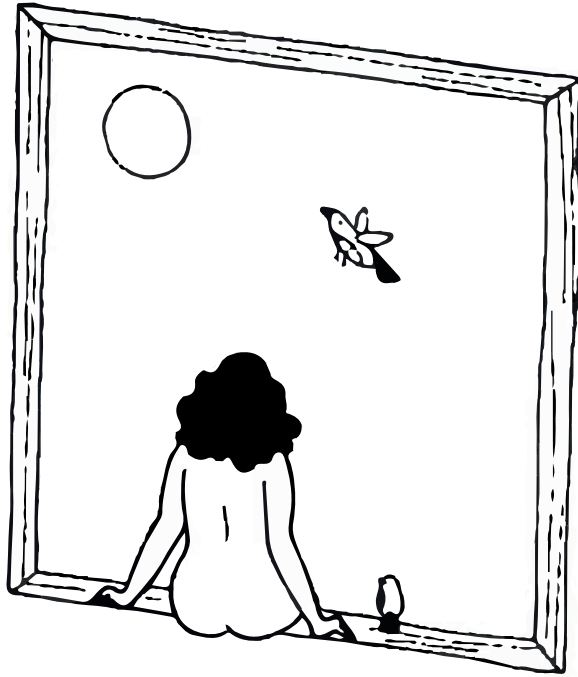
sentir que o coração faz rom-rom
espaço felino na plenitude de um dia luz
a obsessão por transcender
é apagão
é pedra
a não transcendência
é presídio
viver sem fruição

que as Deusas salvem
os corações que vibram
protejam os felinos
domésticos e vadios
em sua liberdade instintiva
desejo-me sonoros rom-rons
desejo-te que percebas
que há vida avivando
teu corpo
numa dança vibratória
fulgor!

jjana leite (38)









VIII





sono ou liberdade

Reze, ore, implore
Sono profundo
Ao abrir olhos Abandonar-te-á

Arrogância, violência
Não terá sua imanência
Sua ira não rimará
Perdão, paciência

Seu corpo
Não a silencia
Ao te ver
Desejarás distância

Outros irás ter
Escolherás
Nem lembranças
De você terás

Te avisei
Reproduz modelo
Colonial és tu
Recurso ou selo

Francisca Lusía (42)





Tu dormes
Acorda ou reproduz
Durão, garanhão
Escolha sua

Ela acordou
Vê a luz
Situação outra
E você

Luz ou escravidão
Sono profundo
Ou libertação?
Qual decisão?

(43)







IX





atitude

Ela o conheceu ainda menina. Pura ingenuidade, formosura... cheia de paixão! Nunca teve muita atenção, carinhos, cuidados... mas achava que era assim que tinha que ser... afinal, não se sente falta daquilo que não se conhece, não é verdade? Ou se sente?

O tempo passou... o brilho alegre e juvenil que havia em seus olhos foi se apagando... não havia mais brilho em seu olhar. Não havia mais sorriso em seus lábios... aquela formosa menina estava fenecendo...

Passaram-se anos... nada mudava...

Um dia, aquela menina, hoje mulher, vislumbrou o seu futuro.

E foi olhando, olhando... cada vez mais longe... e não gostou do que viu.

E começou a se questionar:

Onde está o brilho dos meus olhos, meu sorriso, meu bem-querer?

Onde a mão que acaricia, o afago, o envolver?

Elaine Márcia (46)





Onde está ?

E olhando lá longe em seu futuro, nada encontrava...
nada...

Só havia vazio, desprezo e solidão.

A menina não gostou do que viu.

Ela decidiu mudar.

Levantou-se,

Sacudi a poeira da animosidade, da inércia e da apatia e simplesmente...

Mudou seu futuro!

(47)





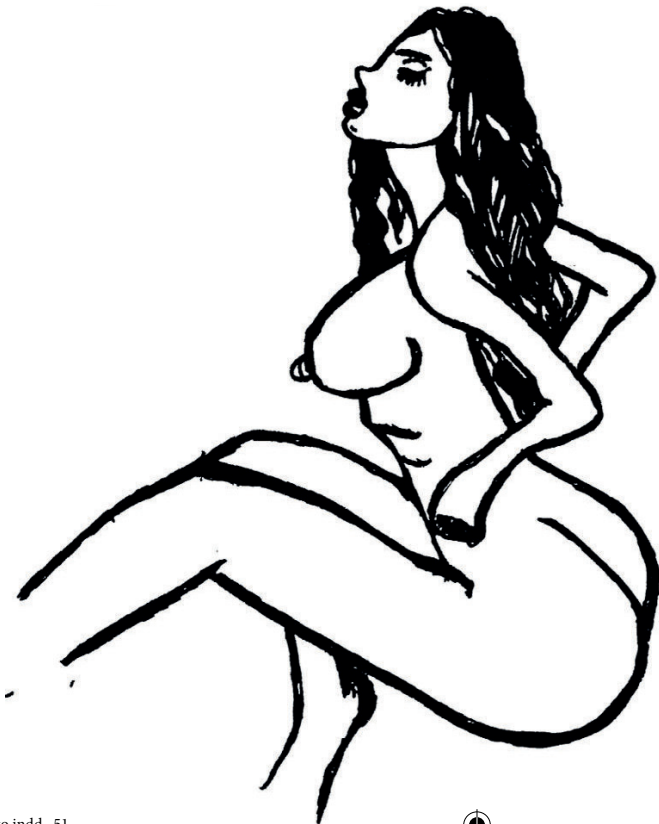




Clássica pergunta do facebook
No que você está pensando?
[...]
Penso que...
Foi da sala para o banheiro
e do banheiro para a sala
que a equação se resolveu
Como tem que ser,
assim sem desperdício
apenas dando as cores do início
de uma nova relação sem vícios
em que eu já nem sei quem sou
mas sei que
Sou
e assim sendo
See you later
who knows.

jjana leite (50)









XI





havia

havia, primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, do verbo haver, ou pode ser substituído pela forma mais coloquial, tinha, daquele poeta, carlos, o gauche. havia, havia em mim pequenas coisas e causas insignificantes para serem exploradas no decorrer do cotidiano. havia e ainda há em mim sonhos incompreensíveis, que me fazem viajar para além do atlântico sul. havia, do existir em mim, medo de assombrações redescobrirem as minhas dores. havia, e espero que ainda haja em mim, amores deixados na encruzilhada belém-brasília de um país-cerrado em destruição. havia, porque houve em mim, desejo de aco- plar em teu corpo preto e no teu sexo me deliciar. havia, quando transcorriam em mim ebulições de personagens que se satisfaziam da minha condescendência. havia, e reavia em mim, a revolta malê dos meus mais velhos e dos mais novos e a força ancestral do meu Kemet.

ah, eu via o que havia!
e o que sobrou do eu-mim? tudo que havia, ainda há de haver.

patthy pds (54)









XIII





força

Despi as vestes do tempo
Caminhei rumo ao infinito
E mergulhei, devagar
Nas águas da ilusão
Vi-me refletida
No espelho da vida
E a face caída se destacou
Percebi aos poucos
Uma mão se estender
Veio firme — segura
Reerguer-me
E cobriu o meu corpo
Com manto de amor
Abraçou, protegeu
E me resguardou
Fui erguendo a face
Cheia de esperança
Vi brilho nos olhos
Vi meu eu criança
Vi força e paz

Elaine Márcia (58)





E também bonança
Senti bem no peito
Algo aquecer-me
Olhei e enxerguei
Um feixe de luz
Toda aquela força
Do meu eu criança
Se tornou minha força
Então me recompus
Despi as vestes do tempo
Caminhei rumo ao infinito
Olhei para o meu futuro
Senti bem aqui dentro
Como ele se tornou
Muito...
Muito mais bonito!







XIII

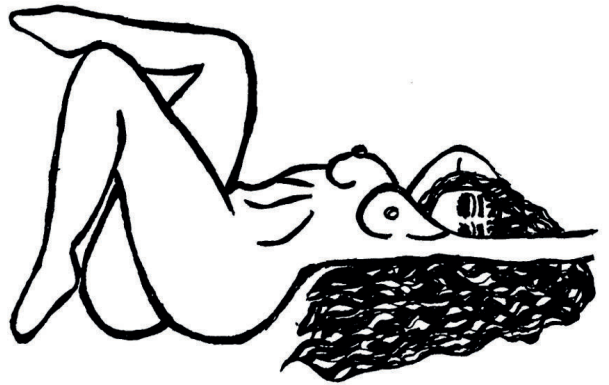




Essa pele cor d'água
sem pêlos
assanhada
tem sede
de ser
acariciada
roçada
pelos pêlos
do
Bem Querer
corpo
cama
fogueira
pêlos
d' nós
vai terminar em
conchinha
eu,
pérola
no interior
d' Ele.

jjana leite (62)









XIV



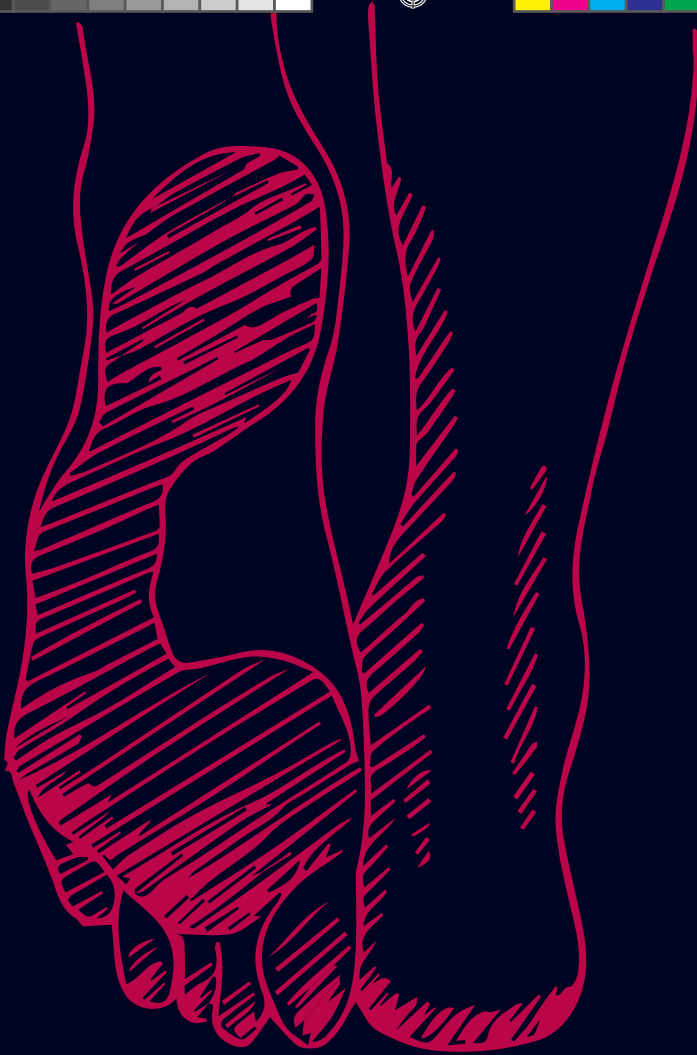


até o talo!

botando pra fora o calor quente e úmido dos dias de
verão.









XV





A adolescente adormecida
no meio domingo de Sol Amarelo
abriu os olhos
assim sem príncipe
bebeu seu café
forte e adocicado
lembrou que o pai guardava velharias
uns trecos tais:
ganchos, pregos
martelo, parafusos
fixadores em geral

...

pregou os pés
e
com os pés rés ao chão
num sorriso Monalisa
pensou:
Parece que enfim acordei.

jjana leite (70)









XVII





o céu se fechou

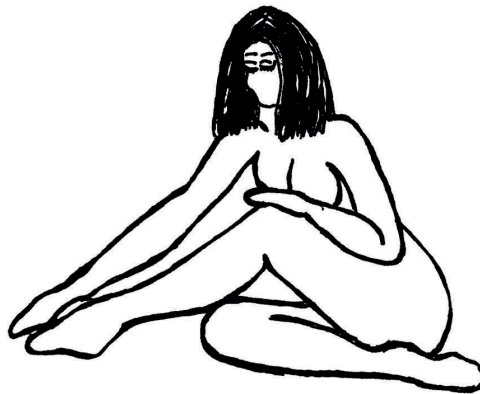
para as possibilidades
para as afetividades
para a sociabilidade
para a empatia
para a solidariedade
para a dor
o céu se fechou
para os sonhos
para os deslocamentos
para o horizonte
o céu se fechou
e o vento levou
eu. tu. ele. nós. vós. eles
o céu se fechou
e na Amazônia sul-ocidental
o azul do céu quara roupa no varal

patthy pds (74)





o cinza do céu traz o leve cheiro de
floresta molhada
o céu se fechou para nós
em definitivo
só nos restam as reticências do
cotidiano que nos consome...

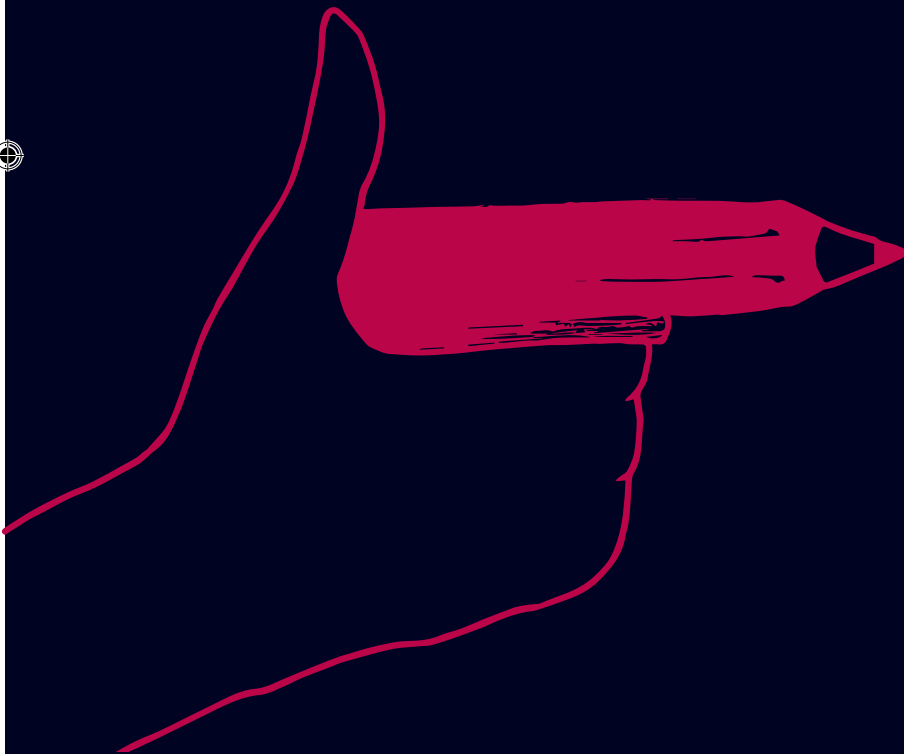


(75)





XVII





PON





para que serve a arte de escrever e informar?

Escrever

boiada de possibilidades

Alguns textos nos impulsionam a revoar

Adentramos em espaço de pássaros.

O ofício jornalístico

informações leva aos que acompanham

E a arte nos ajuda a sonhar.

Chegam a dizer que,

uma caneta pode ser mais perigosa que uma arma.

Eu me armo de minha Bic

Na caminhada de possibilidades

Escolho a contramão

Sigo com minhas irmãs da Resistência

E aPONto para o PONto

que precisa de aPONTamentos.

Entrelace poético de Rosália Silva & jjana leite (78)





PON!
PON!
PON!
Espero ter atingido o
alvo.
Sacudido
Sacudim, sacundá
sacundim, gundim gundá
Aqui o verme não se cria.

(79)





XVIII





ensaio de motivações para preservar a vida (ele não)

- 1 – Não ao racismo.
- 2 – Não ao fascismo.
- 3 – Não ao vírus que mata.
- 4 – Não ao esfacelamento do SUS.
- 5 – Não ao fim do Mais Médicos.
- 6 – Não ao desmonte das universidades.
- 7 – Não ao genocídio indígena.
- 8 – Não ao desmatamento e queima das florestas.
- 9 – Não ao engodo das *fake news*.
- 10 – Não ao machismo disfarçado de amor e cheio de misoginia.

Rosália Silva (82)





- 11 – Não ao brutalismo contra a livre escolha sexual e de gênero.
- 12 – Não ao preconceito religioso.
- 13– Não ao extermínio promovido em nome da segurança.
- 14 – Não ao xenofobismo aos demais povos.
- 15 – Não ao aniquilamento dos direitos humanos.
- 16 – Não ao terrorismo de Estado e governos despóticos.
- 17 – Não ao governo dos milicianos.

Assim será!

(83)







XIX





indígena afro

Sou mulher...
Mulher indígena...
Mulher negra...
Mulher livre...
Neta de negra e negro
Neta de indígena
Tenho essas raças no sangue
A predominante mesmo
De desejo e experiência
De coração e de alma
Mulher amazônica
A memória identificou
Indígena afro
É o que sou.

Francisca Lusía (86)









XX





afrotonsa
mente
amazônic(d)a
mira aí, bem ali, meu mirarí
nas paragens... do paraíso.



patthy pds (90)









XXI





doces sensações

E caminhava faceira
Com seu vestido de seda
Seu salto alto... Brilhante
E cabelos esvoaçantes
Sentiu um roçar suave
De suas coxas macias
Que se acariciavam
Durante seu caminhar
E de seus lábios vermelhos
Surgiu um leve sorriso
Seu peito arfava, contente
Se sentiu no paraíso
E quem passava ao seu lado
Nem mesmo podia notar
O prazer que ela sentia
Apenas com seu caminhar
Provando a doce carícia
De sua pele macia
Da coxa com coxa roçar.

Elaine Márcia (94)









XXIII





catar piolho
a ova
a lêmdea
o cabelo
processo doloroso
processo amoroso
abrir os cabelos pra catar piolho.

patthy pds (98)









XXIII





as traças trepam no estrado — da cama.



patthy pds (102)

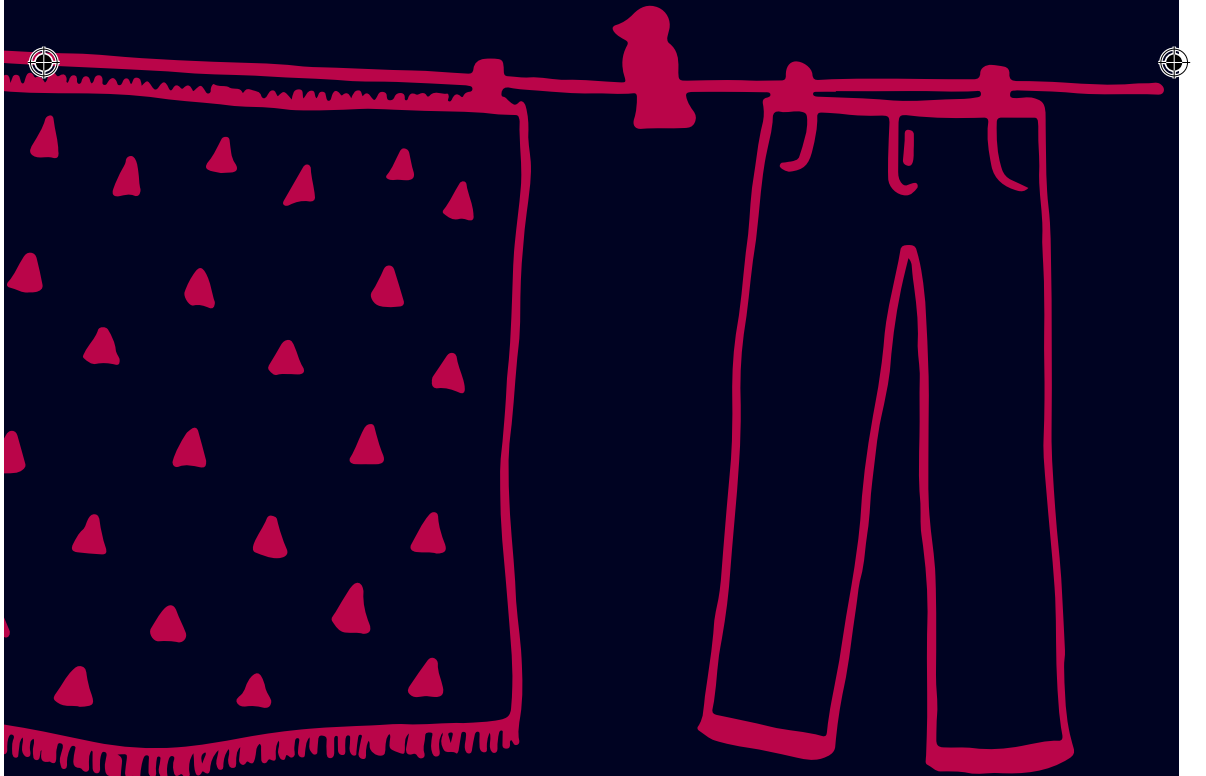








XXIV





Como lavar uma relação
com pequenas nódoas
de anos descuidados
loucos e (mal) varridos
ainda que vívidos
esfregar é preciso
botar a mão na massa
labutar
sei lá

preguiça encarde
a nota do perfume
pós
higienizAção
é o que nos lume...

jjana leite (106)









XXV





tautograma em “m” — a força do “m”

Mesmo manchada, marcada, menosprezada...

Mesmo molestada, magoada,
machucada...

Mudança!

Minha mudança!

Materialize-se!

Momentaneamente,
materialize-se!

Meramente, materialize-se!

Mostre-me!

Mendigo... mendigo...

mendigo...

Minha mudança...

Muda meu mundo...

Meu mundo...

Meu mundo...

Muda...

Elaine Márcia (110)





Mesmo manchada, marcada, menosprezada...
Miro minuciosamente...
Medito...
Minha mudança, minha majestade, minha
magnitude
Manifestam-se!
Mesmo machucada, magoada, molestada...
Minha mente mostra-me...
Magicamente, mostra-me...
Minha mudança, minha
majestade, minha magnitude manifestaram-se.
Meu mundo...
Meu mundo...

Mudou.







XXVI





ladrão de inocência

Solo firme
Árvore movida
Folhagens secas
Água límpida

Riacho
Faca
Irmã não vá.
Obedece tio.

Endurecido
Imobilidade
Esfregão
Líquido
branco
Criança
Paralização
Silêncio
Dor, vergonha, tristeza

Francisca Lusia (114)





Inocência roubada
Interfere
Cheiro registrado
Relances de memória

Repugnância
Inconsciente
Choro
Psicóloga

Tristeza
Inocência
Cicatrizes

Sangram...

(115)







XXVII





maria joão

Ela era Maria
E também era João
E morava com a mãe
Perto da estação
Tinha um pai
Que era alcoólatra
Violento, bonachão
Um tremendo covarde
Que batia e ofendia
A sua mãe e Maria —
A Maria João!
A Maria — menina
Foi crescendo e então
Percebeu que esta vida
Não queria mais não!
Entrou pra academia
De uma tal associação
E aprendeu capoeira
E lutava feito João —
A Maria João!

Elaine Márcia (118)





Acontece que um dia
Numa certa ocasião
O seu pai chegou bêbado
E pra mãe de Maria
levantou sua mão
A Maria de um salto,
Pôs-se em frente da mãe
segurou o seu pai
e lhe disse então
Vá tomando tenência
Ouça o que vou te dizer
Deste dia em diante
Em mim ou em minha mãe
O senhor não vai mais bater
Cala a boca, ô menina!
Grita logo o pai
Ou te sento a mão
Se da minha frente não sai
E Maria João
Encarou o seu pai

E olhou em seus olhos
Com tal determinação
Que o pai de Maria
Abaixou sua mão
E falou com firmeza

(119)





A Maria a seu pai
Saia já dessa casa
E não volte jamais!
Sei que é o meu pai
Mas, disso posso esquecer
Se tentares outra vez
Em mim ou em
Minha mãe bater
O covarde do homem,
Pai de Maria João,
Olhou bem em sua filha
E não a reconheceu
mais não.

E enquanto ele saía
Sua mãe ela abraçou
E aquele corpinho frágil
Em seus braços, aninhou.
Vou cuidar de você,
Minha mãe, minha vida
Hoje vamos fechar
Esta maldita ferida.
Todas somos Marias
Todas somos João
Diga não à violência
Não a aceite mais não!

Elaine Márcia (120)



Diga
não!
Não!!!!

“É melhor morrer lutando do
que viver na submissão e na
opressão” — Diz Maria João.



(121)







XXVIII



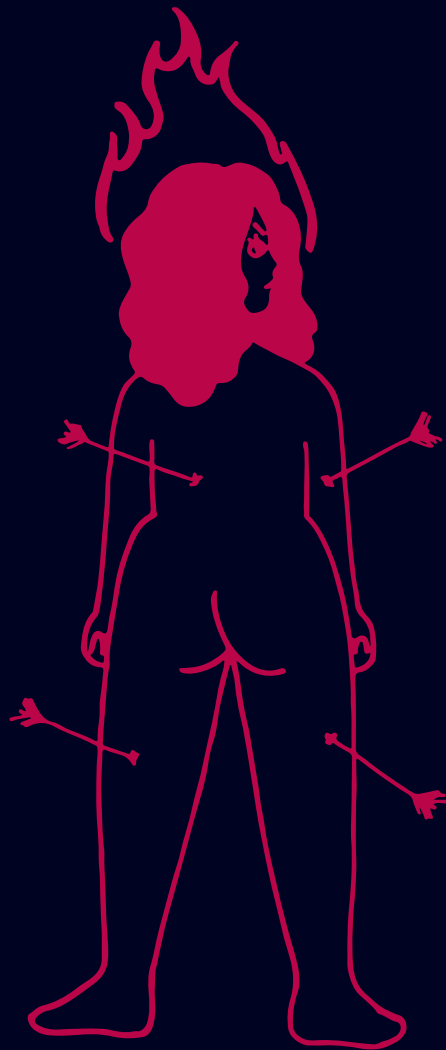
um esfregão

Foi apenas esfregão
Foi só uma masturbação...
Não houve penetração...
A violência tem...
Consequência...
Danos insanos
Fantasma
Persistente
Vergonha,
Dor...
Culpa...
Dilacerante
Humilhante, desumano, impensável...
As cicatrizes...
Ainda sangram...
Elas...
Elas eram crianças...
Violência tem consequência...
Apenas, eram...
Crianças... inocentes.

Francisca Lusía (124)









XXIX





sou mulher

Quanto tempo faz?
Cinco, seis anos... nem sei...
De repente desabou-se o reino encantado,
Que na verdade de encantado não tinha nada.
Quando era criança brincava de bonecas
Como toda menininha...
E sonhava... e acreditava...
Eu cresci ouvindo mamãe dizer
Das responsabilidades de uma mulher...
A mulher forte... frágil... a mulher mãe,
Conciliadora... a mulher que se anula por amor...
A mulher que tem que ser mulher
De respeito, suave... mulher...
E eu aprendi a engolir.
Não o alimento... mas as situações,
As angústias... aprendi a engolir...
Até que um dia eu desaprendi...
E disse não!
Eu não quero engolir nada disso! Não mais...
Mulher subjugada...

Elaine Márcia (128)





Mulher que cansou de ser pequena...
Não!
Eu não quero mais ser pequena!
Não quero mais...
E vieram as lutas... e vieram os espinhos...
E a noite... sim! A noite!
Onde estão as vitórias?
As rosas... as estrelas? Onde estão?
Sou mulher.
Fui criada para ser mulher.
Aquele que se cala, que se anula...
Que ama, que serve... ama, ama, ama...
Olho para trás, para as mulheres...
Todas as outras mulheres... subjugadas...
Apenas por ser mulher... subjugadas...
Somos e fomos e somos... subjugadas...
Tenho uma profissão, filhos, responsabilidades...
Sou mulher.
Tenho sonhos... luto por eles...
Mas, a realidade é cruel demais
Para colaborar com os sonhos.
E daí? Sonho assim mesmo!

(129)





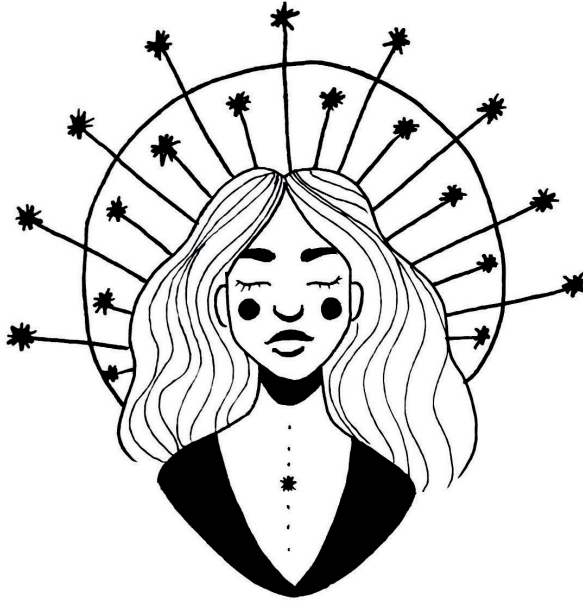
Quando é que chega a vez de sermos amadas
Respeitadas... Simplesmente por sermos mulheres?
Quando?
Ah! Então você não sabe?!
É uma pena...
No final, quem perde é você mesmo.



Elaine Márcia (130)









XXX





não se perca de você

Cada um tem sua essência
Cada qual tem seu valor
Cada um tem sua visão Sobre isso, aquilo, o que for!
Cada pessoa é única
Com seus códigos secretos
Suas incertezas e decisões
Não importa o seu credo
Seu gênero, sua cor ou suas limitações
Cada um é cada um
Cada qual é cada qual
Cada pessoa é única,
Simplesmente, sem igual!
Podem ter os mesmos olhos
Ou um sorriso similar
Mas lá no fundo sua essência
Não se pode comparar
Cada um é importante,
Do tamanho que acredita ser
Cada ser humano é ímpar
Em sua forma de viver!
E todas estas diferenças,

Elaine Márcia (134)





Tantas singularidades
Não te tornam diminuto,
Te engrandecem na verdade!
Portanto, escute bem,
Ouça o que vou te dizer:
Tu és uma pessoa única,
Não se perca de você!
Acredite em seus princípios
Valorize o seu querer
Não mude para agradar
Este ou aquele,
Mas apenas a você!
Pois, antes de amar o outro,
antes de respeitar ou agradar,
Ama a você, sempre em primeiro lugar!
Você só poderá amar o outro
quando aprender a se amar!
E é caminhando passo a passo
Nas voltas que o mundo dá,
Que vamos nos encontrando,
aprendendo a nos enxergar.
E o outro nos ensina ou
pode querer nos prender
E é por isso que repito:
Não se perca de você!

(135)







XXXI





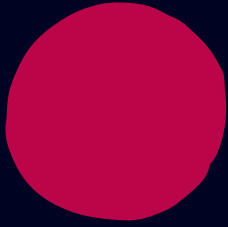
olhar decisivo

Vendo-me
Sob teu olhar
Irei permanecer
Sempre no mesmo lugar
Lavar, passar, cozinhar
Portanto prefiro
Esse transformar
Vassoura para voar
Bruxa decide lugar
Passo os obstáculos
As pontes
Cozinho as ideias
Sirvo nos cardápios:
Histórias, poesias...

Francisca Lusía (138)









XXXII





eu...

Não sou como a folha
que se desprende da árvore
E pelo vento é levada...
Solta... ao léu...
Não sou assim.

Não sou como a onda na praia
Que vai e que vem...
Sem destino...
Sem rumo...
Não sou assim.

Sei bem onde quero ir
Sei bem qual é o meu lugar
Sou mulher, guerreira, forte
Eu sei qual é o meu norte
Sei bem onde quero chegar!

Não sou como a nuvem
Que vaga...
Que pelo vento é moldada
Não sabe onde vai parar...
Não sou assim.

Elaine Márcia (142)





Sei bem onde quero ir
Sou mulher, trabalhadeira
Que quase cai e até bambeia
Mas sabe se aprumar...
E levantar!

Não sou como barco
Perdido no mar
Sem remo e sem vela
Pra navegar...
Não sou assim.

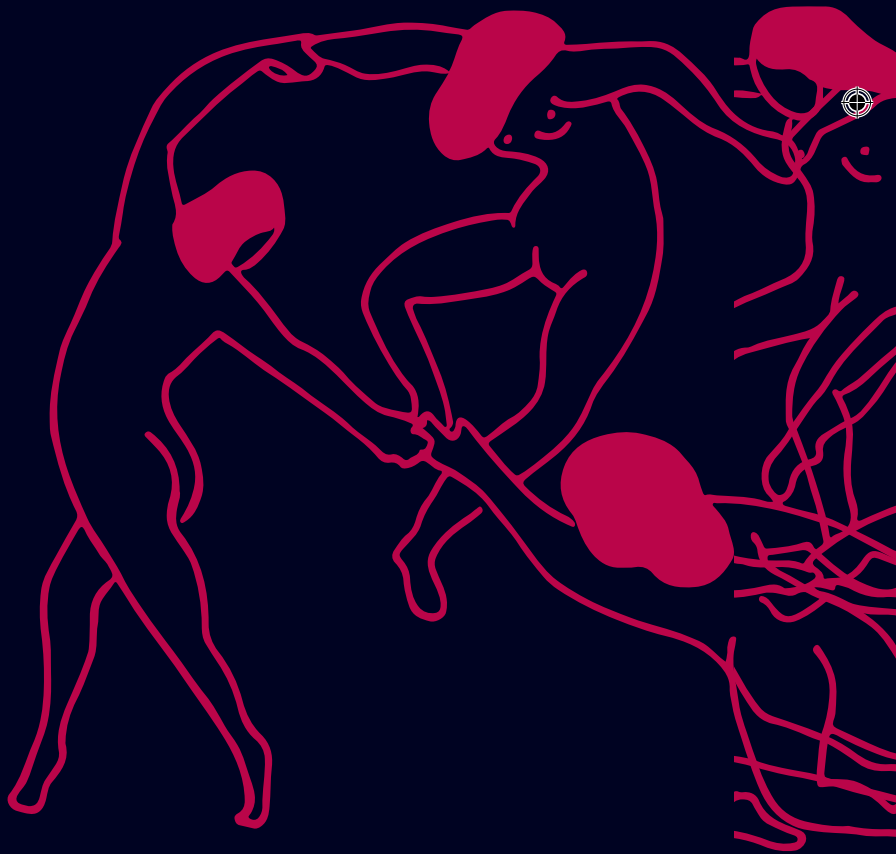
Não sou como a caça
Que se esconde
Não sou descuidada...
Não perco o bonde!
Sei bem encontrar o meu lugar...

Sei bem onde quero ir
Sou mulher, tenho esperanças
Tenho garra...
Sou também meio criança!
Não perco o viço de amar!

Sei esperar.

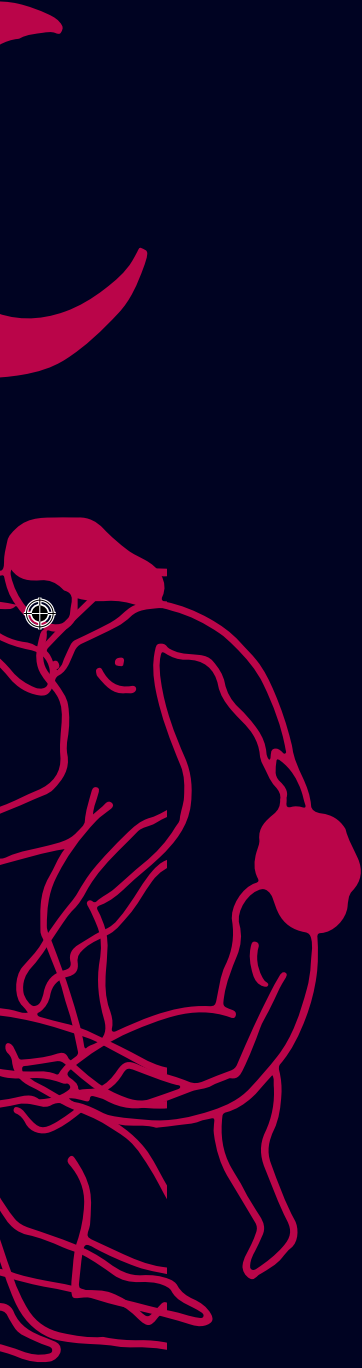
(143)







XXXIII





yin

Sensação da Água
frescor e pureza
natureza
divindade
olhei
vi a Deusa
confiando estar presa
crenças tantas limitantes
este Ser sublime
ostraciona
encolhida
concha
em lugar de ser o Mar
É útero da vida
geradora [...]
ímã
irmãs,
olhem dentro
soltem o medo
virem-se pelo avesso
sintam o aperto

jjana leite (146)

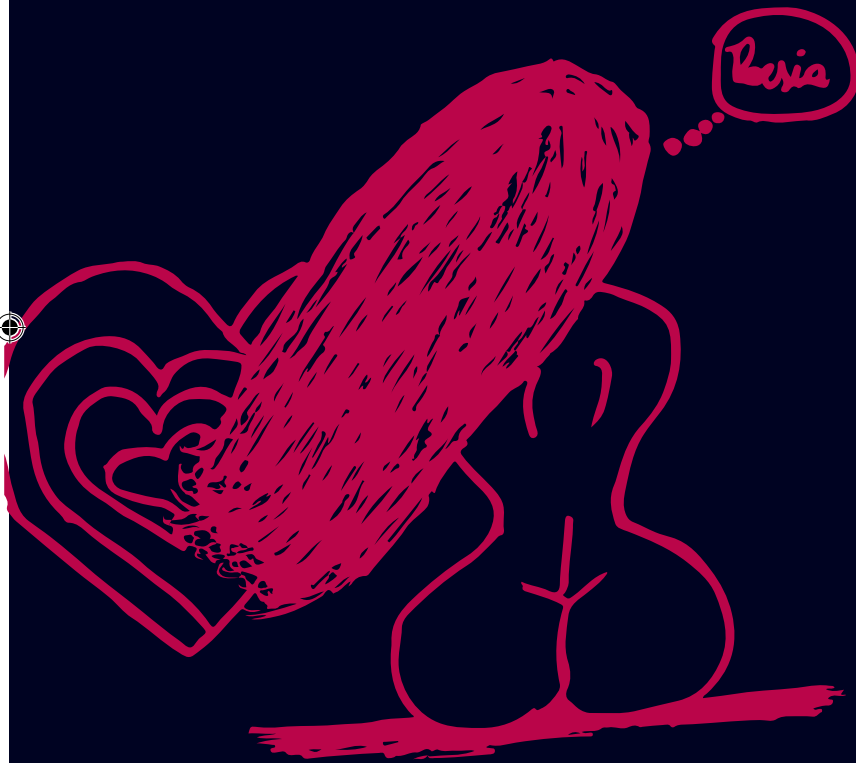




após,
dançaremos ao luar
pele ao Sol
sentindo o Fogo
sem medo de queimar
cinzas Fênix
asas
alaranjado estrelar [...]
que em cada povo
as Deusas
segurem as mãos
somos Revolução
Evolução
Amor que Cria
Yin
versos
com o Todo
vibrando
também
em
mim.

(147)







XXXIV





maria

maria
ria
mia
mira
ar
mar
amarra
a
rima
rara
i
raia
mara
a
mirar...

patthy pds (150)







Tranças de Haikais







Quando parto, me parto, dividindo-me e somando
Divido-me em pedaços (di)versos
Em versos que me (re)constroem, fazendo-me
somar, sonhar e (re)viver.

Elaine Márcia (154)





Eu parto neste agora.
Minha ciganinha diz:
pra outras terras, simbora!



(155) *Rosália Silva*





eu parto. tu parto. ele parto.
nós parto. vós parto. eles parto.
part-ida.



patthy pds (156)





subiu mais além parede feito fêmea fecunda
foi fabricando versos enchendo o seio de letras
nutrindo, esticannnnnnndo o próprio uniVerso

(157) *jjana leite*





Eu, uma mulher simm...
Parindo ou não, versos e rimas...
Rumo à liberdade!



Solimária Lima (158)





São gêmeas, parto normal
Elas saltaram rapidinho
A emoção nos rostos fez o caminho.



(159) *Francisca Lusía*





faixa bônus rimas maternas







quando se espera alguém

(madrugada do dia 28/08/2018)

**Quando se espera alguém
o tempo não marca o relógio
os anos parecem que voam
em nuvens longas demais.**

**Coração bate no ritmo
de lágrimas do Será
de juízos e porquês
Finda mais um exame e você não veio.**

**Não que fosse incompleta
Ou ainda infeliz
você transbordaria o que já existia e daria
existência a tudo o que eu nunca vi.**

Rosa Martins (162)





**Uma esperança na espera
Vive a vida, esquece isso
A certeza da incerteza
O amor sendo guardado
No silêncio os anos se passam
Era Deus arrumando a vida para sua vinda.**

**Era madrugada e estavam ali
Dois pontinhos vermelhos no papel
Um coração tão forte em alguém tão pequeni-
no que crescia dentro de mim.**

**Meu colo não está mais vazio
Quem eu esperava chegou
Alegria indescritível
Amor, amor, amor!**

Tudo isso quando se encontra alguém.





posfácio

Um respiro em meio ao desencanto do silêncio.

Erlândia Ribeiro

Ao pensarmos na escrita de autoria feminina nos deparamos com um cenário histórico devastador: silêncio enquanto condição para as escritoras. Esse silêncio ainda hoje é perpetuado; assim, as escritoras precisam se armar de uma voz potente e de luta, para que sejam ouvidas, lidas e vistas. Esse grito é uma espécie de suspiro, pois com ele conseguimos o alívio de chegar ao outro lado de uma barreira que é de pedra,

(164)





mas que a nossa voz consegue ultrapassar, alcançar e chegar aos ouvidos de outras mulheres, fazendo disso uma rede de partilha cada vez mais forte, trazendo novos respiros em meio ao desencanto do silêncio.

A importância da palavra escrita, lida e perpetuada, da literatura, do poema-força, transforma-se nessa potência e desejo que é também vida. E já não podemos caminhar com o peso morto de ideias que nos foram impostas; já não podemos subtrair para caber no padrão de uma escrita “feminina”; por isso, somos livres e acreditamos nas escrevivências que nos atravessam e abarcam nossas múltiplas vozes, que são tantas e que são levadas a tantas direções.

Que todo texto engavetado, que toda vergonha e timidez, que todos os poemas queimados ou jogados fora, que todo desencanto do silêncio, possa agora ter novo significado e se tornar respiro-força-coragem-luta de se mostrar e pertencer ao que nos foi tirado durante tanto tempo: um respiro em meio ao desencanto do silêncio.

(165)







sobre as autoras





Elaine Márcia Souza Rosa

Tem 48 anos, nascida em Governador Valadares-MG, vive em Rondônia desde os 11 anos, atualmente na cidade de Porto Velho; se reconhece mineira de nascimento e rondoniense de coração. “Mulher que apanhou, caiu e levantou! Aprendendo a se enxergar”. É mestranda do PPGE MP/UNIR 2019/2; especialista em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar; Pedagoga; integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologia (GET/IFRO) - Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e Literatura; Assistente de alunos/IFRO. E-mail: elaine.marcia@ifro.edu/nanepedagogia@gmail.com. Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO). Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1049662812625282>

(168)





Já plantei uma árvore, tive filho e publiquei um livro. Na pandemia, descobri que alguma poesia poderia ser escrita para me salvar do caos. Não as frases registradas na adolescência, ingênuas, mas palavras concretas, parte da realidade atual. Sou jornalista no IFRO e mestra em Letras pela UNIR. Integro os grupos de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO) e de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem (GEAL/UNIR).
Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2924280591539447>

Rosália Aparecida da Silva

(169)





Nasceu em Porto Velho-RO e morou até os 14 anos na cidade de Humaitá-AM; a cultura ribeirinha é parte integrante do universo grandioso que permeia sua existência. Neta de seringueiro e também de seringalista, com avós nascidas em povoados às margens de Igarapés. Mágicos são os banhos de rio, cachoeira e mar [...] Salve Iemanjá! Somente depois dos trinta se encoraja a compartilhar seus escritos. Sua formação acadêmica é na área de Letras/Licenciatura e Mestrado (UNIR), com especializações em História e Cultura Afro-Brasileira. Sempre teve fascínio pela Poesia e pelas(os) amantes desta Arte. Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO).

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5944390844152554>

Janaína Leite
[Jjana leite]

(170)





Afroamazônida. Mulher preta. Poeta
vaga-lume da beira do barranco.
Pesquisadora de poetry slam/slam
das minas. Mestranda em Estudos
Literários (UNIR). Eu- mulher-preta;
terra-preta; água-barrenta; terra-
preta; bodó; resistindo e reexistindo
no Norte.

Grupo de Pesquisa em Educação,
Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO).
Link para o Lattes:
[http://lattes.cnpq.
br/9849889322604127](http://lattes.cnpq.br/9849889322604127)

Patricia Pereira
(patthy pds)

(171)





Francisca Lusía Serrão Ferreira

Filha de Ulisses Soares Ferreira e Carmozina Constância Serrão Ferreira. Nasceu em Pinheiro-Maranhão e aos 18 anos radicou-se em Porto Velho-Rondônia, onde teve duas filhas e permanece até hoje. Pedagoga. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Tem Pós-Graduação em Psicopedagogia, Pedagogia, Gestão Democrática e também em Educação Infantil (UNIR). Professora. Feminista e ativista política na defesa de uma sociedade mais humana e justa para as mulheres. Publicações: Poesia sem rotas (2020); Encontro e (des) encontros nas Amazônias (2021); Olhares Amazônicos (2020); Contos de ninar (2020).

E-mail: franciscaserrao13@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3256581133250466>

(172)





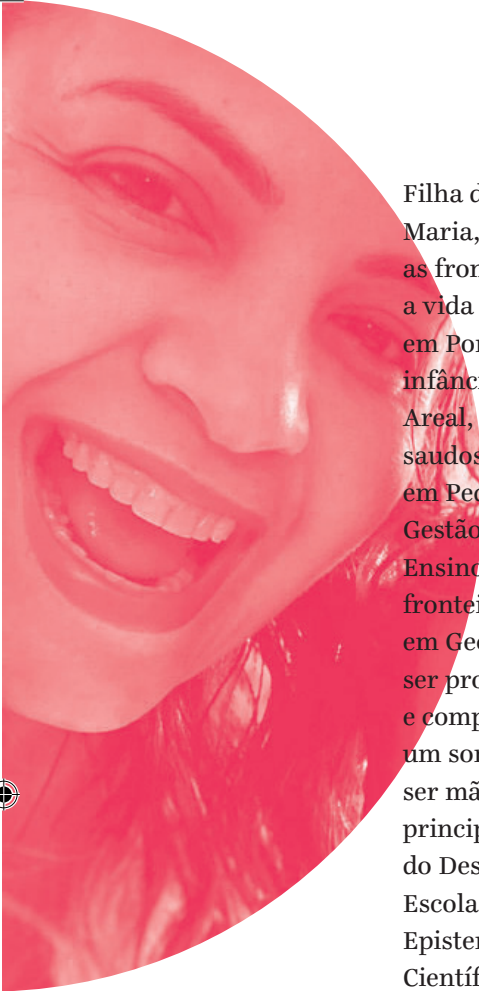
Nascida e criada em Porto Velho-RO.
Licenciada e Mestre em Letras pela
Universidade Federal de Rondônia.
Pesquisadora. Advogada. É servidora
pública, exercendo sua função no
Instituto Federal de Rondônia.

Grupo de Pesquisa em Educação, Filo-
sofia e Tecnologias (GET/IFRO).
Email: solimaria.lima@gmail.com

Solimária Lima

(173)





Rosa Martins

Filha do seu Lhamito com dona Maria, de um amor que ultrapassou as fronteiras do luto, da dor e para a vida eles deram uma flor. Nasceu em Porto Velho, cresceu e viveu sua infância e juventude pelas ruas do Areal, nas feiras do Cai n'Água, nas saudosas cachoeiras. Graduou-se em Pedagogia, especializou-se em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino Superior. Continuou a romper fronteiras e hoje é mestra e doutora em Geografia. Sonhou grande: queria ser professora! Profissão do aprender e compartilhar. E lá no fundo guardou um sonho pelo qual esperou 16 anos: ser mãe! Decisão de amar! Tem como principais áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Escola, Cultura e Migração, Epistemologia e Metodologia Científica, História de Vida, Geografia Escolar, Cultural e Fenomenológica. Tem interesse em estudos sobre alfabetização intercultural e metodologias ativas de aprendizagem. Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias

(174)





(GET/IFRO) desde 2011. Tem experiência profissional na docência há mais de 20 anos na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, em Cursos Superiores e em coordenação pedagógica de equipes. A poesia já existia na sua vida, mas foi o milagre de viver a maternidade que a inspirou a escrever.

Graduada em Letras-Espanhol, mestra em Estudos Literários pela UNIR e, atualmente, doutoranda em Estudos Literários pela UFES. Escritora, tendo publicado o livro de contos Superfícies irregulares (2019), além de poemas e traduções em revistas literárias. É também uma das idealizadoras do Clube das Escritoras de Rondônia.



Erlândia Ribeiro

(175)





Carolina Pontieri

Tem 20 anos, nasceu e mora em Osasco-SP até hoje. Sempre gostou de desenhar; sua mãe comenta que já segurava o lápis corretamente quando era bebê. Durante seu crescimento percebeu uma inclinação para as artes; estava presente nas criações artesanais da sua avó, desde culinária até as pinturas de panos de pratos e crochês. Isso incentivou-a para o estudo técnico e, em 2018, ingressou no curso de Artes Visuais. E, desde então, tem buscado seu aprimoramento dentro do processo criativo e poético.

(176)





(177)





Laura de Paula

Tem 20 anos, nasceu e mora em Guajará-Mirim-RO. Seu conhecimento e gosto por arte se desenvolveram aos 16 anos, quando passou a ter aulas com o artista plástico Carlos Bosquê. A partir daí, começou a aprimorar o gosto, estudando sobre artistas do Expressionismo, fazendo cursos e pinturas. Atualmente é formada no curso técnico de Biotecnologia, pelo Instituto Federal de Rondônia, e formada em inglês intermediário pela International House Dublin. E-mail: laurie.paulie@gmail.com

(178)





(179)





Sobre o Clube das Escritoras de Rondônia

@clubedasescritorasro
clubedasescritorasro.blogspot.com
clubedescritorasro@gmail.com





O Clube das Escritoras de Rondônia é uma iniciativa sem fins lucrativos, independente e coletiva, que nasceu em 2019, com o objetivo de mapear e dar visibilidade às autoras de Rondônia e suas obras, focalizando o lugar de fala dessas mulheres e funcionando como uma rede de apoio e partilha das narrativas que foram e vêm sendo tecidas.

(181)





SEJUCEL
Superintendência da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



Este projeto foi contemplado com o Edital Marechal Rondon de chamamento público para publicação e difusão de expressões culturais, da Lei Aldir Blanc.





© As autoras, 2022

Revisão **Wany Sampaio**

Ilustração de capa **Carolina Pontieri**

Projeto e produção gráfica **Leidijane Rolim**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Parto (di) versos / [organização Erlândia Ribeiro, Janaína Leite].

Buritís, RO: Editora do Clube das Escritoras de Rondônia, 2022.

Vários autores.

ISBN 978-65-00-41141-6

1. Haikai 2. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira I. Rosa, Elaine Márcia Souza. II. Ribeiro, Erlândia. III. Leite, Janaína. IV. Pontieri, Carolina. V. Paula, Laura de. VI. Rolim, Leidijane. VII. Sampaio, Wany. VIII. Título.

22-104068

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Coletâneas: Literatura brasileira

B869.108

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964





Fonte Ingeborg

2022

